

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:
CIDADE VIVA
INSTITUTO

denominação
Fazenda Rancharia do Norte

código
AVI - FO7 - DB

localização
Km 52 da RJ-144

município
Duas Barras

época de construção
2ª metade do século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado de corte / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

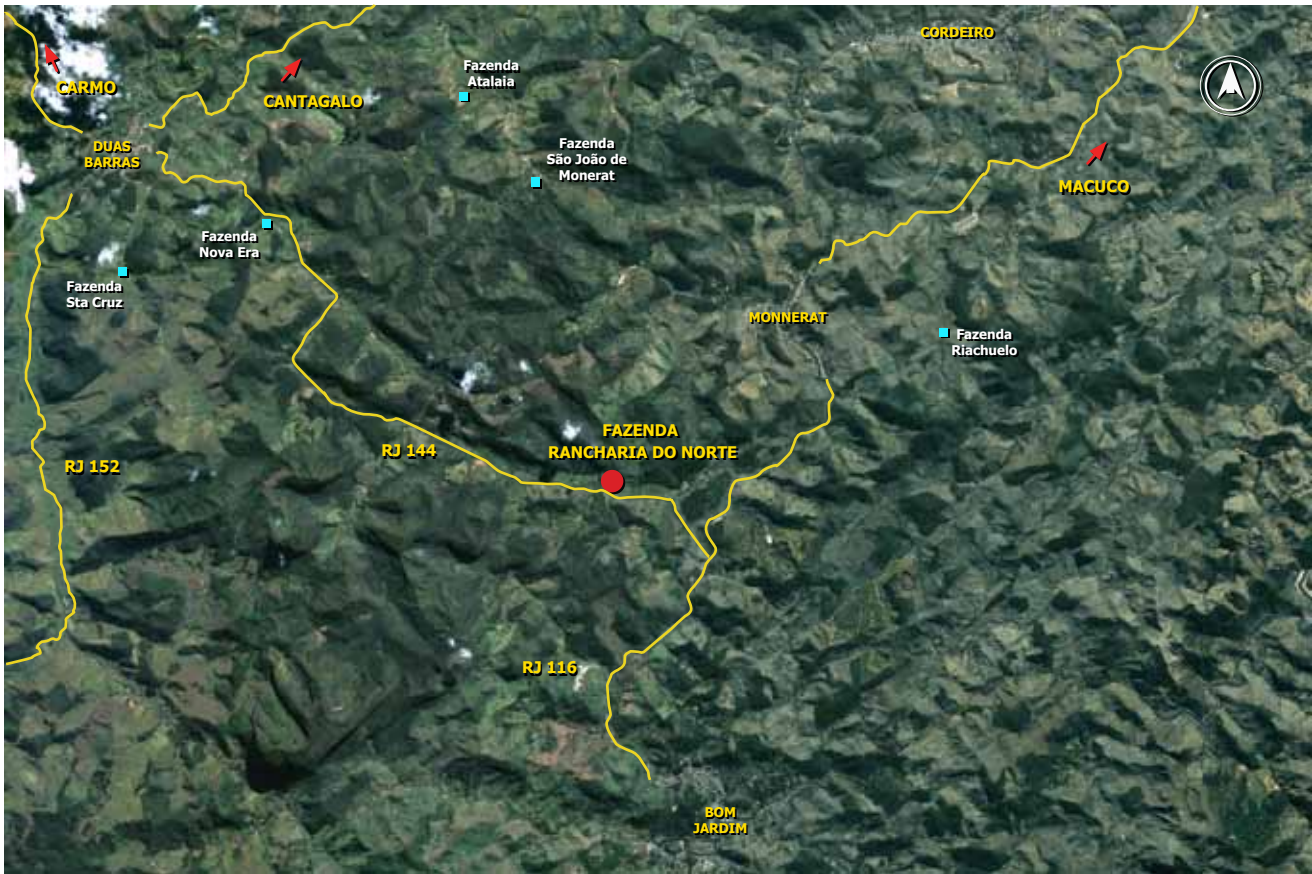
proprietário
particular



Fazenda Rancharia do Norte (acervo proprietária)

coordenador / data **Francyla Bousquet – jun 2010**
equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
histórico **Francyla Bousquet**

revisão / data
Dina Lerner – nov 2010



situação



ambiência

A Fazenda Rancharia se situa à beira da RJ-144, estrada asfaltada que leva ao centro histórico de Duas Barras, distando 2,20 km do trevo de acesso ao município, que se localiza na RJ-116, entre Bom Jardim e Cordeiro. Muito embora o núcleo edificado da fazenda fique em grande parte encoberto pela vegetação, é possível ver da estrada, além dos telhados das construções, o belo aqueduto que atravessa parte do atual pasto frontal (f01). A entrada da propriedade é marcada por um portão de ferro ladeado por quatro pilastras (f02), a partir do qual um caminho revestido com lajotas de pedra e cercado por árvores (f03) conduz o visitante à intimidade da estância.



01



02



03

Prosseguindo, uma pequena ponte transpõe o Rio Macuquinho (f04) – que corta toda a propriedade – e, mais adiante, nos deparamos com um segundo pórtico de entrada (f05), que se destaca na paisagem. Trata-se de uma antiga estrutura em pedra proveniente da Fazenda Santana – Cantagalo –, adquirida pela proprietária da Rancharia do Norte. O belo pórtico ainda está incompleto, em fase de montagem (f06 e f07), mas já é possível notar sua beleza e imponência, compatíveis com a grandiosidade do que foi o complexo produtivo da Fazenda Santana, também inventariada por este projeto.

Após esse marco, seguem-se duas possibilidades de acesso ao núcleo das edificações (f08).



04



05



06



07



08

Em direção ao estacionamento dos proprietários (f09) no porão do edifício da antiga senzala; ou ao pátio da fazenda (f10), local anteriormente ocupado pelo grande terreiro de café (f11 e f12).

Hoje, nesta área, estão sendo guardados materiais adquiridos de outras fazendas, como tijolos e lajes de pedra, que vêm sendo incorporados à propriedade, no intuito de melhorá-la sem descaracterizá-la – esteticamente –, independente da validade dessas aquisições. A título de exemplo, citamos o caso da fonte em ferro fundido (f13 e f14), hoje instalada lateralmente ao pátio.



09



10



11



12



13



14

Entre os caminhos descritos, há uma interligação em lance de escada (f15), ao lado da qual se identifica curiosa estrutura em pedra, destinada a elevar os cavaleiros a uma altura adequada às respectivas montarias (f16). O conjunto de prédios existentes (f17) – casa-sede (f18), senzala (f19), moinho (f20) e casa do administrador – são remanescentes das edificações originais da propriedade, conforme se observa na iconografia antiga (f21).



15



16



17



18



19



20



21

Uma das casas demolidas, embora não fosse original, é uma antiga edícula que ocupava área entre a sede e a senzala (ver f20), construída para abrigar uma das irmãs do antigo proprietário – atualmente, o local é ocupado por um carrilhão (f22 e f23). Outra modificação observada nessa mesma imagem é a construção do curral (f24), que, apesar de apresentar pisos em lajes de pedra (f25), não integrava o núcleo histórico original.

Todas as edificações foram construídas alinhadas entre si, acompanhando o sopé do morro existente aos fundos. Somente de cima dessa colina é que temos uma visão panorâmica da propriedade, permitindo compreender melhor a implantação desse complexo (f26), locado em fundo de vale e cercado por abundante vegetação (f27), o que lhe confere uma moldura muito bela.



22



23



24



25



26



27

Do alto também é possível perceber com mais clareza o trajeto do antigo aqueduto (f28), hoje interrompido pela RJ-144. Construída em nível superior ao da fazenda, suprimiu do aqueduto não só um trecho de sua extensão (f29) como também sua fonte de alimentação, proveniente de nascente localizada do outro lado da estrada, para onde originalmente ainda se estendiam os domínios dessa propriedade.



28



29

Os três elementos representativos do conjunto original edificado dessa fazenda são, de fato, a sede, a senzala e o aqueduto.

O moinho, embora permaneça tal e qual era no passado, foi reconstruído devido à sua precariedade, e nele foram feitas algumas adaptações. Conserva, no entanto, as antigas engrenagens ainda hoje utilizadas para moagem (f30, f31 e f32).

A bela sede é um edifício de dois pavimentos (f33), um deles, na verdade, porão alto habitável.



30



31



32



33

O acesso ao porão é feito através de várias aberturas (f34), após as quais há pequenas escadas que conduzem ao piso desse pavimento semienterrado, de pé-direito confortável. Externamente, tais aberturas causam certa interferência visual em relação ao restante da edificação, por serem mais baixas e posicionadas num ritmo diverso das janelas do pavimento superior (f35). No entanto, verificando a foto antiga cedida pela proprietária (ver folha de rosto e f12), constatamos que a envasadura da sede sempre apresentou as atuais feições, pelo menos no que se refere à fachada principal. Provavelmente a elevação do piso externo, aliado à pintura branca das estruturas aparentes, tenha acentuado o descompasso entre os vãos, prejudicando a composição final da sua fachada. Nem todas as aberturas do porão são destinadas ao acesso – algumas delas exibem gradil de madeira (f36), característica de vedação de áreas secundárias destinadas ao serviço.

A cobertura, em quatro águas, é feita em telha colonial. As peças originais foram substituídas por telhas novas do mesmo estilo, em função da dificuldade expressada pela proprietária em manter estanque o telhado com peças pouco uniformes, como eram as telhas coloniais originais.

O acesso ao pavimento nobre é feito por escadaria (f37) posicionada no eixo da fachada principal, que leva a uma varanda apoiada sobre pilares de pedra (f38). O gradil que protege o avarandado e seu acesso é em ferro batido, com complementos também em pedra (f39).

Conforme iconografia, o seu recobrimento era bem diferente do que se apresenta hoje (ver f11) e bastante peculiar – havia ali um conjunto de três pequenos telhados contíguos, com duas águas independentes, e calhas conjugadas, sob o mesmo forro de teto, arrematados por pequenos três frontões triangulares contendo óculos para ventilação e arrematados por belo lambrequim (f40), conferindo ao casarão um ar “romântico”, característico do ecletismo urbano – chalés – do final do século XIX. Nota-se, nessa mesma foto 40, a anotação mais ao fundo da data de 1892, ano em que a propriedade sofreu grande reforma.



34



35



36



37



38



39



40

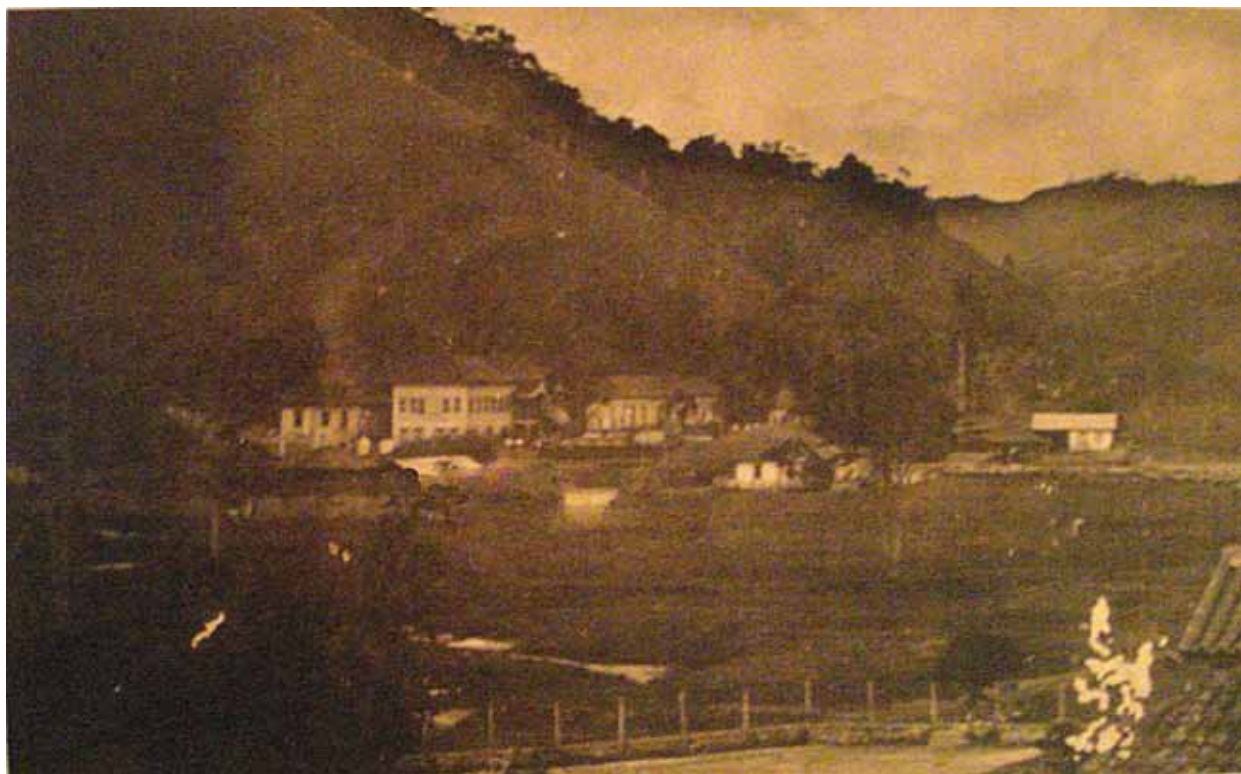
A fachada posterior repete a envasadura registrada na fachada principal, excetuando-se a presença de varanda. Percebe-se, no entanto, uma descontinuidade de aberturas na porção final direita (f41), junto à chaminé que ainda hoje serve à cozinha da sede. Tal cenário, na verdade, retrata a ausência de uma edificação que era apenas a principal, onde funcionavam os setores de serviço e banheiros da residência (f42). Algumas das marcas que ali se veem são relativas a uma antiga passarela coberta que interligava ambos os edifícios (f43), na altura do primeiro pavimento.



41



43



42

Tal passarela chegava ao edifício da sede onde hoje é o *hall*, que recebe a escadaria que parte da cozinha. Restam apenas no local algumas pedras remanescentes da construção, além de um antigo tanque (f44). Internamente, os espaços do porão são bastante generosos, e abrigam, além de uma série de depósitos e um quarto, uma área de serviço e a aconchegante cozinha da residência (f45). Nesse ambiente está a escada de comunicação entre ambos os pavimentos – trata-se de um acesso de serviço, estreito e bastante íngreme (f46). Havia ali também, no espaço identificado como sem utilização, uma venda, cujo acesso era realizado pela fachada lateral. Os acabamentos ali são alvenaria pintada e tábuas corridas – cozinha – ou cimentado. A ausência de forro deixa à mostra a bela estrutura do piso superior.



44



46



45

Ascendendo ao pavimento superior pela entrada social, chega-se à sala de estar (f47) ou jantar, conforme a porta que se escolha. Tais ambientes estão localizados ao centro da planta e são eles que fazem a distribuição de fluxo para os demais compartimentos de uso privado ou de serviço. Ali, além de mobiliário de época (f48 e f49) – original da fazenda ou adquirido pela proprietária – também há quadros que reproduzem as feições dos seus antepassados (f50).



47



48



49



50

Complementar aos ambientes permitidos aos visitantes, há uma capela instalada em um dos quartos contíguos à sala de estar. Ali há um belo oratório de madeira, com detalhes em marchetaria (f51). O restante do pavimento é dividido entre quartos, banheiros e copa.

Na copa de apoio ao andar, que recebe a escada proveniente da cozinha, havia, conforme dito anteriormente, uma abertura de ligação com o antigo corpo de serviços – hoje não mais existente. A porta de acesso a essa outra edificação foi fechada, transformando-se em uma janela (f52).

Os acabamentos observados são: piso em tábua corrida, pintura branca nas alvenarias e azul nas esquadrias duplas de madeira – externamente, guilhotinas de caixilharia de vidro; internamente, folhas de abrir em veneziana (f53 e f54).



51



52



53



54

Os forros, em reguado de madeira com acabamento na cor branca, apresentam molduras, roda-tetos e rosáceas centrais nos ambientes de receber (f55 e f56).

A construção da senzala possui dois pavimentos, sendo o porão alto parcialmente enterrado, localizando-se em área de transição entre dois níveis do terreno (f57). A cobertura apresenta as mesmas características e intervenções realizadas na sede e já comentadas. As fachadas também reproduzem os mesmos acabamentos e detalhes da sede, com exceção da fachada posterior, que não possui revestimento de argamassa na altura correspondente ao porão (f58), deixando exposto um belo trabalho em tijolos maciços (f59).



55



56



57



58



59

Revelam, igualmente, algumas técnicas construtivas tradicionais, como a utilização de tijolos de aperto – comum até os dias atuais –, para ajustar a altura das alvenarias às peças de madeira estruturais previamente instaladas (f60). As esquadrias da fachada principal são do tipo enrelhadas, mais adequadas à utilização original do edifício. As esquadrias de guilhotina em caixilharia de vidro são, provavelmente, fruto de intervenção posterior.

O acesso ao porão dessa edificação é feito apenas pelo lado mais baixo do arrimo, onde existem as grandes aberturas para os depósitos (ver f09), ou pelos fundos da edificação (ver f57). O interior do pavimento revela grandes espaços, com a estrutura de forro e paredes à mostra (f61). A ventilação dos ambientes é proporcionada pelas aberturas dos desencontros dos tijolos maciços, deixando pequenos vãos em losangos ou formando cobogós.

Já o pavimento superior possui três portas de acesso, que partem do lado mais alto do arrimo (f62 e f63).



60



61



62



63

Tais entradas fornecem ingresso a áreas distintas, sempre através de pequenas escadas de pedra lavrada (f64): a primeira, para a capela (f65); a segunda, para a serraria; e a terceira, para o restante do pavimento, uma sequência de áreas interligadas através de um corredor central. Todo o andar possui piso em madeira, e paredes pintadas de branco, cor que é repetida nas esquadrias. Nos cômodos finais dessa última divisão, é possível ver ainda, nos esteios, marcas feitas por escravos (f66) e algumas peças antigas, como um parafuso de madeira, utilizado em prensas de engenhos (f67). O forro em telha vã exibe, nas linhas das tesouras, sulcos hoje não mais utilizados, executados para a construção de empenas em pau a pique (f68).



64



65



66



67



68

Por fim, o lindo aqueduto talvez seja a estrutura mais interessante desse complexo, por sua extensão e técnica construtiva (f69). Edificado num misto de pedras semiaparelhadas e pedras de mão (f70), a estrutura apresenta sulcos denotativos de controle através de comportas (f71), e saída em ponto intermediário para extravasamento da seção, ou para desvio das águas para outras utilizações (f72). Exibe, ainda, uma parte anexa, que parece ser uma espécie de rampa (f73), exatamente em ponto próximo às marcas da comporta, o que pode sinalizar um acesso para o manejo, inspeção e controle.



69



70



71



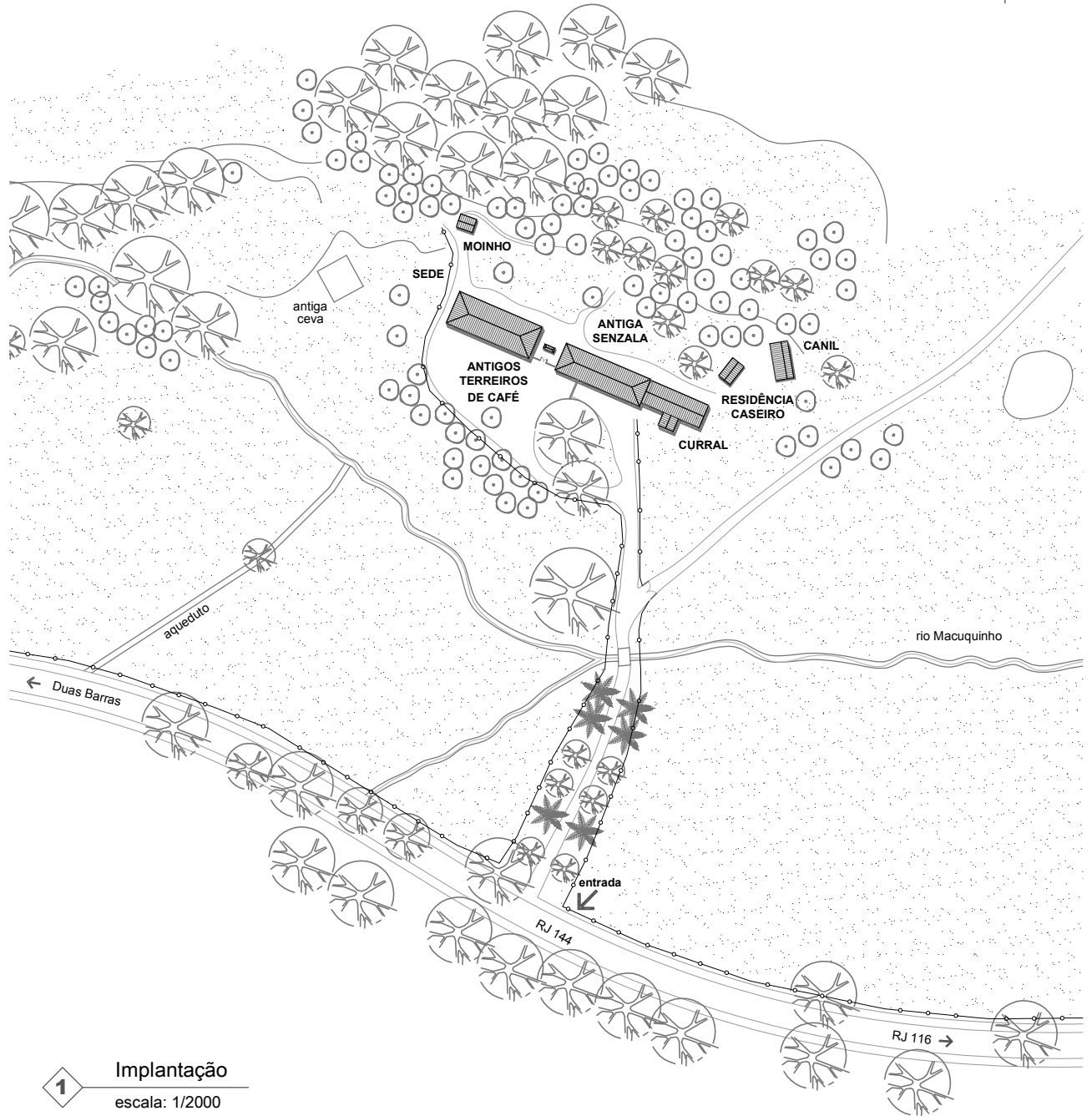
72



Em todos os remanescentes do conjunto original já foram feitas obras de conservação e melhorias, com exceção do aqueduto, e dessa forma, as edificações se encontram em muito bom estado de conservação.

Única observação a ser feita é com relação à substituição das telhas originais por razões práticas, o que assegurou a saúde dos pavimentos abaixo deles abrigados, resultando, no entanto, num aspecto estético diverso do característico a uma fazenda com essa idade.

FAZENDA RANCHARIA DO NORTE

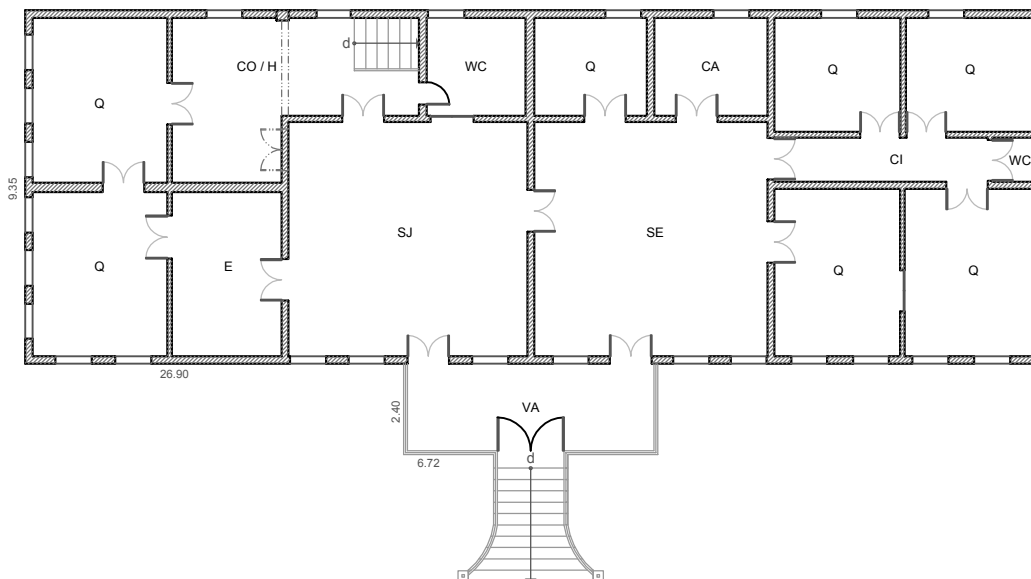


1 Implantação
escala: 1/2000

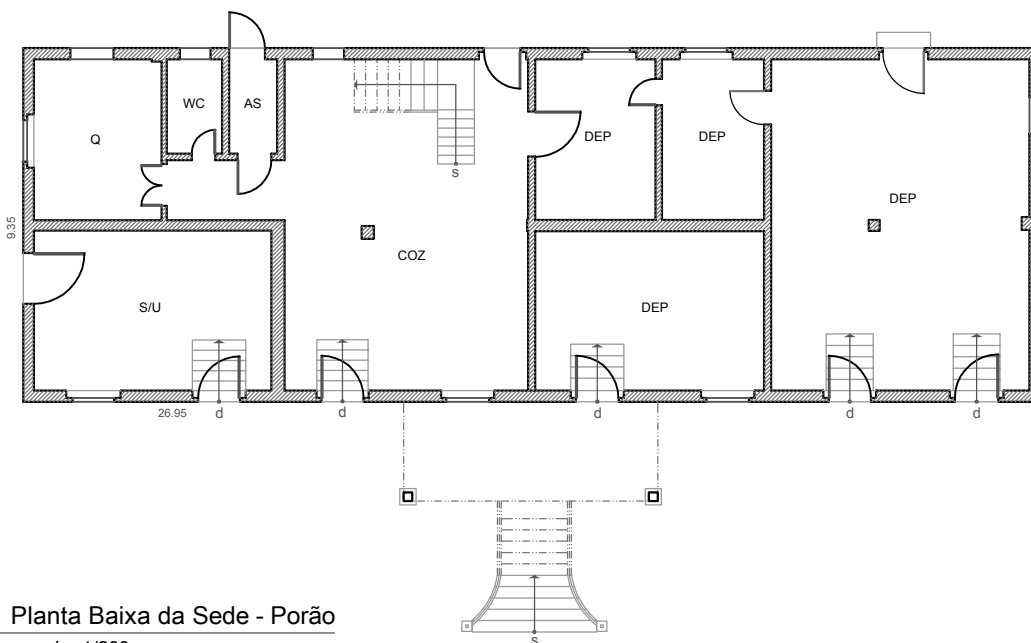
FAZENDA RANCHARIA DO NORTE

Observações:

1. A parede demolida no hall da escada delimitava a copa de apoio à sala de jantar e rouparia. O hall ainda serve como de copa de apoio;
2. O banheiro adjacente à sala de jantar era, outrora, um quarto. A porta de transição entre estes dois ambientes encontra-se lacrada;
3. O banheiro ao final da circulação, bem como os quartos voltados para o fundo da sede, foram feitos posteriormente: quartos, banheiro e circulação compunham, na verdade, um só ambiente;
4. O ambiente hoje sem utilização (porão) fora uma venda, e a entrada dos fregueses ocorria pela porta lateral.



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200

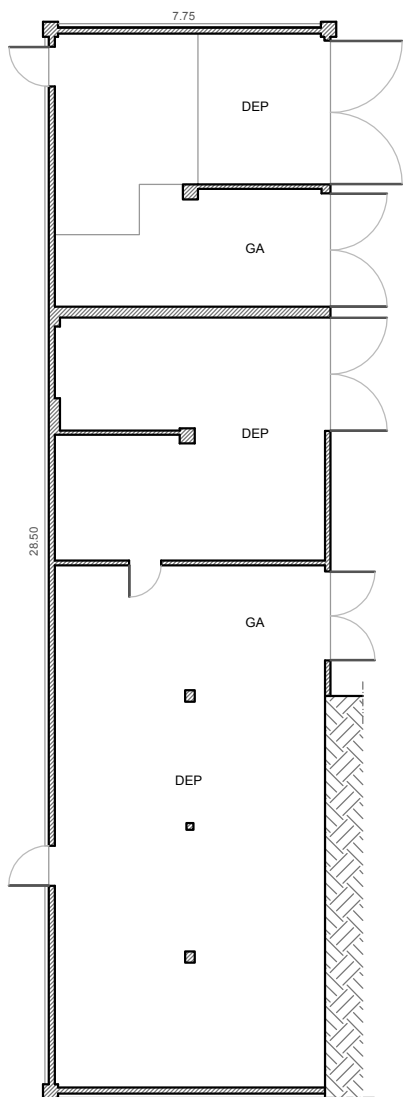


1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200

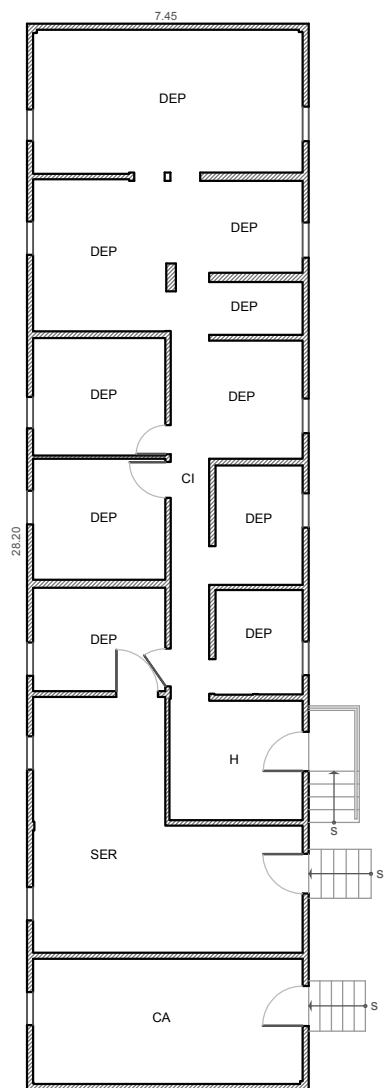


CA - capela	CO - copa	DEP - depósito	H - hall	SE - sala de estar	S/U - sem utilização	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	E - escritório	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VA - varanda		alvenaria demolida

FAZENDA RANCHARIA DO NORTE



1 Planta Baixa da Senzala - Porão
escala: 1/200



2 Planta Baixa da Senzala - 1º Pavto.
escala: 1/200



CA - capela DEP - depósito H - hall
CI - circulação GA - garagem SE - serraria

alvenaria existente
 alvenaria demolida

A atual proprietária, descendente da família Monnerat, em um de seus relatos à equipe, declarou que 1818 seria a data de construção da fazenda, data esta que estaria gravada na fachada principal, e que posteriormente foi retirada, por ocasião das obras de modificação da cobertura do alpendre da varanda de acesso à sede. No entanto, na iconografia de época (ver f40) cedida pela mesma, consta a inscrição de 1892.

A sesmaria de “Rancharia mística dita do Norte” ou Rancharia de Dentro foi adquirida de Manoel José Pereira e sua mulher, Vitória Maria do Amor Divino, pelos irmãos, João José Monnerat e Sebastião Monnerat, em 23 de novembro do ano de 1837. A importância paga foi de três contos de réis, sendo um conto e quinhentos em dinheiro, e mais duas letras seguras de Cr\$750,00 cada uma, vencíveis a 12 e 24 meses daquela data. Teria sido firmado, na ocasião, o “papel de trato”, similar ao compromisso de compra e venda, para depois então ser lavrada a escritura definitiva, o que ocorreu em 1º de dezembro de 1838.

Jean Joseph e Sebastien eram filhos do alfaiate François Xavier Monnerat e Elisabeth Koller, que embarcaram em Cornol, juntamente com os sete filhos, no navio Cammilus, desprovidos de passaporte, rumo ao Brasil.

Originalmente, as terras da Rancharia do Norte haviam sido concedidas em 1807 ao padre Francisco Ferreira de Azevedo, então vigário colado na Vila de Santo Antônio de Sá. O documento de concessão mandava que fossem conservadas os Tapinhoans e Perobas ali já plantados, determinando também que tais madeiras não fossem cortadas a não ser para a construção de navios do rei.

A sesmaria adquirida era de terras brutas, matas virgens, infestada de onças, porcos do mato e roedores, cenário que em muito dificultou a cultura das roças. Segundo contam seus descendentes, esses suíços manejaram com coragem a enxada a ponto de não poderem cumprimentar os conhecidos tal era o comprometimento das suas mãos com os calos provenientes da lida na lavoura.

Posteriormente, a Rancharia do Norte foi aumentada com a anexação das terras de Rancharia do Sul e Monte Verde em tempo anterior à morte de Sebastião de Monnerat, ocorrida em 14 de novembro de 1845. Dedicado ao negócio de tropeiros transportadores de carga de Cantagallo para Porto das Caixas, como seu irmão, sabe-se que voltava com uma tropa de burros cargueiros, parando em Rancharia do Sul. Sebastião teria mandado seus empregados seguirem viagem enquanto fazia uma ligeira refeição e os alcançaria no caminho rumo ao destino final, Rancharia do Norte. Em meio à forte tempestade, prosseguiu viagem em direção aos familiares, que o aguardavam na sede desta fazenda. Os que estavam em Rancharia do Sul acreditaram que Sebastião havia chegado ao seu destino. Os que estavam em Rancharia do Norte pensaram que Sebastião havia pernoitado em Rancharia do Sul.

A cerca de 1 km da atual sede da fazenda, no antigo caminho sobre o morro que interligava as fazendas, foi colocada uma cruz de braúna com suas iniciais e a data de seu falecimento – S.M. 14-11-1845. Tal peça foi posteriormente substituída por outra de concreto (f74), que permanece lá até os dias atuais, à beira do precipício que colheu a vida do rapaz (f75), como registro e lembrança da morte desse Monnerat.

Em 13 de julho de 1848, Francisco Xavier Monnerat e Elisabeth Koller, pais de Sebastião e João José, partilharam entre os demais irmãos os bens herdados pela morte de seu filho.

O patrimônio dessa família se desenvolveu no curto percurso de dez anos. Possuíam, então, apenas três escravos: Paulo e Joaquim, já velhos, e José Congo, ordinário.



Após a morte de João José Monnerat, em 15 de maio de 1877, sua viúva, Anna Maria Heggendorf, e filhos constituíram uma sociedade agrícola que passou a girar em torno da razão social Viúva Monnerat e Filhos, aumentando enormemente o patrimônio da família, passando a anexar à Rancharia do Norte, além das fazendas já incorporadas como São Vicente, Nossa Senhora da Guia, São João, também as fazendas Conceição dos Pinheiros, Riachuelo, Santo Antônio do Monte, Penedo e Jacaré, além de inúmeros sítios que passaram a integrar uma rede de grande produtividade agrícola.

Em 1922, a Fazenda Rancharia do Norte já pertencia ao coronel José Constâncio Monnerat. Nessa época, a propriedade já é enaltecida por dispor de “magnífica instalação elétrica” (Pompeu, 1922). Servida de excelentes acessos, a estância então possuía oitenta cabeças de gado, além de engenhos de cana e farinha, e numerosos colonos – portugueses e italianos.

A esse tempo, apenas as Fazendas São Vicente e Nossa Senhora da Guia permaneciam sob o comando do mesmo proprietário da Rancharia do Norte. No entanto, o coronel José Constâncio possuía outras propriedades em outros municípios fluminenses e no estado de Minas Gerais, como a Fazenda Santo Antônio do Rio Negro, em Cantagalo.

Hoje, a fazenda continua nas mãos de uma Monnerat, neta do coronel José Constâncio, mantendo ali a tradição familiar da propriedade.



75

Bibliografia

VAUGHAN, Raymundo Bandeira. *Livro da Família Monerat*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira das Artes Gráficas, 2000.

POMPEU, Julio (dir). *Álbum do Município de Duas Barras – Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1923.

BON, Henrique. *Imigrantes – A saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da Independência*. Nova Friburgo: Imagem Virtual, 2004. 2ª Edição.